



apresentação

*Que tempos são esses, quando
falar sobre flores é quase um crime.
Pois significa silenciar sobre tanta injustiça?*
(Bertolt Brecht, “Aos que vierem depois de nós”)

Em um processo que iniciou há alguns meses, no mundo inteiro, a circulação do Covid-19 tem causado milhares de mortes. Medidas de proteção contra o contágio têm provocado transformações nas formas de articulação social. Vivemos em tempos difíceis, nos quais é fundamental refletir sobre relações entre o passado e o presente. O contexto atual é caracterizado por conflitos políticos e ameaças a instituições democráticas, no Brasil e em outros países. Em nosso país, são constantes os ataques às Ciências Humanas, Letras e Artes. Entre tensões e incertezas, os trabalhos acadêmicos são atravessados, de diferentes maneiras, pelos problemas amplos do presente. Diversos desafios se apresentam no horizonte: resistir à falta de respeito a escritores e artistas, àqueles que desvalorizam nossos trabalhos, àqueles que tiram bolsas de pesquisa de nossos alunos, a posicionamentos políticos autoritários, ao ultraje na desconsideração das ciências e dos espaços de produção intelectual, aos ataques às Ciências Humanas, Letras e Artes; seguir pensando, ensinando e debatendo; observar atentamente o que está acontecendo, para evitar que os problemas se repitam constantemente.

A realização deste trabalho editorial, em acordo com as medidas de proteção anteriormente mencionadas, é feita em um momento no qual as atividades regulares presenciais das universidades no Brasil estão suspensas, obrigando os professores a conciliar o isolamento físico com as possibilidades de interação remota. A iniciativa de propor um número da Revista *Aletria* tendo como tema “Memória e testemunho em tempos sombrios” foi elaborada em 2019. No momento de sua publicação, considerando acontecimentos recentes, o volume é capaz de dialogar com os desafios em nosso horizonte. Os leitores de *Aletria* podem encontrar, nos artigos incluídos, condições de elaborar questionamentos sobre, entre outros tópicos, condições de transmissão da memória, ligações entre passado individual e passado coletivo, relações entre linguagem e corpo, pensamento democrático, fundamentos do racismo, origens do nazismo e articulações entre ética e estética.

Entre os artigos incluídos, dois estão vinculados com estudos sobre a Shoah e a Segunda Guerra Mundial, e dois abordam produções literárias brasileiras. Afinidades de abordagem e de vocabulário aproximam os quatro textos para além das especificidades das obras estudadas. Em “Literatura e resistência em *Avalovara*, de Osman Lins”, de Raul Gomes da Silva e Ramiro Giroldo, o estudo de personagens da obra de Lins é associada a uma reflexão sobre o impacto da ditadura militar. O antagonismo estabelecido entre a personagem reconhecida pelo símbolo 8 e o tenente-coronel Olavo Hayano é analisado em articulação com um contraste entre pensamento democrático e opressão. Chamam a atenção, nesse trabalho, a valorização de uma relação entre Osman Lins e Jorge Luis Borges, e o modo como foi examinada a morte, na parte final. Em “Uma poética do inacabamento – a escrita literária de Maria Tereza”, Terezinha Taborda Moreira contribui para a área de estudos literários no Brasil, ao demonstrar a importância da autora de “Corpa Negra”, com uma argumentação que, levando em conta conceitos de Frantz Fanon sobre a colonização, expõe a força de versos como “Morreria mais que mil vezes e ainda agora resistia [...] Chegou aqui”.

O artigo “Hijacked by history: *The Merchant of Venice*, George Tabori and the memory of the Holocaust”, de Maria Clara Versiani Galery, apresenta informações sobre três encenações de Shakespeare, realizadas pelo escritor e diretor de teatro húngaro George Tabori, nas quais são integradas referências à Shoah. Com uma reflexão que integra conceitos de teorias do testemunho, o artigo propõe que Tabori,

tendo em vista a imagem do judeu Shylock em *The Merchant of Venice*, realizou espetáculos capazes de resistir ao esquecimento da catástrofe. Em “Linguagem e imagem: a arquitetura da dominação nazista”, de Luiz Cláudio da Costa, é proposta uma articulação entre o filme *Arquitetura da destruição*, do cineasta sueco Peter Cohen, e o livro *LTI: a linguagem do Terceiro Reich*, do escritor alemão Victor Klemperer. De acordo com o artigo, no que se refere à constituição do nazismo na Alemanha, enquanto a obra de Cohen a relaciona com o classicismo, o livro de Klemperer atenta para as suas conexões com o romantismo. As análises incluem, entre outros tópicos, a análise da linguagem verbal por Klemperer, e a orientação ética na construção do filme de Cohen.

É esperado que esses artigos, para além de despertarem interesse por parte de estudantes e professores, motivem reflexões que possam, eventualmente, instigar seus leitores a produzirem novos estudos no campo de “Memória e testemunho em tempos sombrios”. Uma primeira razão para isso consiste em perceber que é relevante, em acordo com os autores dos artigos, ler Osman Lins, Maria Tereza, compreender relações entre o teatro canônico e a dramaturgia contemporânea, ou reconhecer o valor do cinema de Cohen. Para além disso, é fundamental o trabalho de elaboração e partilha de memórias de autoritarismo e violência, pois existem lacunas em nossos conhecimentos do passado e há muito ainda a ser feito para compreender diversos fenômenos históricos. Por exemplo: como o impacto da repressão da ditadura militar, que perdura até hoje, pode ser percebido por algumas pessoas com apatia e indiferença? Como o racismo persiste no Brasil, sendo difundido insistentemente em redes sociais e outros espaços de expressão? De que maneira uma obra artística pode ativar a memória de uma catástrofe em quem a contempla? Como movimentos de pensamento europeus podem, direta ou indiretamente, contribuir para o totalitarismo? Os debates procuram seus espaços.

Muito obrigado e boa leitura!

Elcio Loureiro Cornelsen
Jaime Ginzburg
Karl Erik Schøllhammer